



Seminário *O Belo. Estética em Santo Agostinho.*

Prof. Dr. Luís Evandro Hinrichsen / PUCRS.

www.lehinrichsen.pro.br
[mailto: luis.hinrichsen@pucrs.br](mailto:luis.hinrichsen@pucrs.br)

O seminário [03 sessões, 12 horas] decorrerá na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 29 de Janeiro, 05 e 12 de Fevereiro de 2011, das 09 às 13 horas, na sala 207.

«Não conhecia então estas coisas e amava as coisas belas e inferiores, e ia para o abismo, e dizia aos meus amigos: "Acaso alguma coisa amamos a não ser o belo? Mas que é o belo? E que é a beleza? Que é que nos atrai e nos une às coisas que amamos? Se nelas não houvesse graça e formosura, de nenhum modo nos atrairiam para si." E reparava e via nos corpos que uma coisa era, por assim dizer, o todo e, por isso, belo, outra coisa era o que ficava bem, porque de forma apta se adequava a alguma coisa, como a parte do corpo ao seu todo, ou como o calçado ao pé, e outras coisas idênticas. Esta consideração brotou no meu espírito, do íntimo do meu coração, e escrevi os livros *Da beleza e do Apto*, creio que dois ou três, tu sabes, ó Deus: já se me escapou. Com efeito já não os temos, pois extraviaram-se, não sei como²». *Confissões*, IX, viii, 13.

Proposta do Seminário:

Desejamos explicitar elementos da estética agostiniana, transitando pelos textos nos quais descreve a experiência do Belo. Se o hiponense não escreveu nenhum tratado de estética, entretanto, suas inquietações existenciais e teóricas relativas ao Belo estão presentes na totalidade de sua fecunda obra, notadamente, nos textos do período itálico, nas *Confissões*, *Trindade* e, também, na *Cidade de Deus*. Valorizaremos, especialmente, as reflexões sobre o lugar das belas-artes no conjunto das disciplinas liberais em *De Ordine*, os Livros I e VI do *De Musica* [O que é música, Ritmos e Unidade] e XI das *Confissões* [O que é o tempo, Metáfora da Canção inacabada]. Orientaremos nossa abordagem por *A Estética de Santo Agostinho. O Belo e a formação do Humano* (HINRICHSEN, 2009). Se em nossos dias a fragmentação das experiências humanas ou da própria existência é desafio a ser enfrentado pelo esforço do pensamento, indubitavelmente, a contribuição do pensamento estético agostiniano poderá nos auxiliar nessa tarefa. Em Aurélio Agostinho, inquieto e intenso, é

¹ Kandinsky, *Composição VII*, 1913.

² Santo Agostinho, *Confissões*, IX, viii, 13 (trad. A. E. Santo - J. Beato - M. C. C.-M. S. Pimental, edição bilingue, INCM, Lisboa 2002, p. 151).

possível pensar a existência através da via estética, caminho à realização do humano, itinerário que entrelaça [pela vivência do Belo] humano, divino e cósmico.

Questões Preparatórias:

O que é o Belo? Se o belo é certa medida, no que consiste tal medida? A unidade, critério fundador da experiência estética, é mensurável? O que nos revela o itinerário estético da interioridade proposto por Agostinho? Se o doutor da África Latina é devedor das estéticas de Platão e Plotino, qual é a novidade de sua proposta? Vida, tempo e música se entrelaçam e significam a existência humana. Por que a música, segundo o hiponense, é a chave pela qual penetramos através do belo - privilegiadamente - na dimensão do inteligível? Nessa direção, como as diversas disciplinas liberais, inventadas pela razão, contribuem à formação do humano, notadamente música e poesia? A experiência estética, enquanto processo de conversão, torna o ser humano co-responsável pela Criação? Até que ponto a estética agostiniana supera possíveis dualismos e nos envia ao mundo? Podemos, com Martin Heidegger e Aurélio Agostinho, afirmar que a obra de arte (a experiência do belo) nos desvela o mundo? No que consiste a estimacão estética para o professor de retórica de Tagaste? Quais são as descobertas que realizamos no percurso realizado?

Tópicos

1 A educação do olhar pela via estética

1.1 A importância e atualidade do estudo da estética agostiniana: aproximações entre Aurélio Agostinho e Martin Heidegger

1.2 Os predecessores de Agostinho: Platão e Plotino

1.3 Aurélio Agostinho e a transcendentalização da experiência estética

1.4 A *con-versio* agostiniana e o caminho hermenêutico estético da criação

2 O lugar da poesia e música (belas-artes) na classificação das disciplinas liberais do *De Ordine*

2.1 Breves notícias da vida e obra de Aurélio Agostinho

2.2 As conversões de Agostinho: entre os ensinamentos de Plotino e a Sabedoria cristã

2.3 A contemplação do Belo: *in interiore homine habitat veritas*

2.4 A educação da razão, olho da alma, pela adequação à luz da Verdade

2.5 O lugar da estética na epistemologia do *De Ordine*

2.6 A alma, tornada bela, capacita-se à visão de Deus

2.7 Paralelos entre Plotino e Agostinho

3 Breve descrição da estimacão estética [seus elementos constitutivos] e a Metáfora da Canção inacabada

3.1 A estimacão estética é realização do homem integral

3.2 O sentir é originária experiência estética

3.3 O primado da vontade [*intencionalidade*] na atividade estética

3.4 Os critérios avaliativos da experiência estética

3.5 Paralelos: Kandinsky e Santo Agostinho

3.6 A Unidade, critério último da estimacão estética, não é predicável [é inefável]

3.7 A grande metáfora da canção inacabada: Vida, Tempo, Beleza e Música

3.8 Descrição da estimacão estética

3.9 A tarefa educativa das Arte.

Bibliografia [Textos de referência para o seminário]:

HINRICHSEN, Luís Evandro. *O Belo e a formação do humano*. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

_____. *Meditação sobre a origem da obra de arte*. Porto Alegre: Cadernos da ESTEF (43), 2009. P.60-70.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. e Not. Arnaldo do Espírito Santo, João Beato, Cristina de Castro Maia de Souza Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. Livro XI.

_____. *Diálogo sobre a Ordem*. Trad. Int. e Not. Paula de Oliveira e Silva, Rev. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000. Livro II, V-XX.

_____. *La Musica*. In: *Obras de San Agustín*. Trad. Alfonso Ortega. Madrid: La Editorial Católica / BAC, 1988. t. XXXIX. Livros I e VI.

MAMMÌ, Lorenzo. *Deus Cantor*. In: *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.43-58.